

# OPINIÃO

## Uma salva de palmas a todos os Municípios

Luís Matos Martins (Empresário e Docente Universitário)

**V**imos de um contexto de incêndios, onde só em 2019 foram registadas mais de 10 mil ocorrências, resultando em mais de 41 mil hectares de

área ardida. Os municípios rapidamente desenvolveram planos de contingência que permitissem a preservação dos territórios, tendo capacidade de resposta face aos desafios.

Estamos agora perante uma nova realidade, provocada por este inimigo invisível que é o COVID 19, face à qual autarcas e técnicos de município se anteciparam na identificação de soluções que pudessem dar aos cidadãos a continuidade das suas rotinas.

Não fosse eu empreendedor, aproveito para tirar partido da oportunidade de escrever este artigo para reconhecer o trabalho exímio de autarcas e técnicos de município a nível nacional que tiveram a capacidade, mais uma vez, de desenhar planos de contingência para algo que ninguém estava preparado num ápice de um caso por território. Por isso, estou muito grato, enquanto cidadão, por todo o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido:

pela criação de hospitais de campanha, donativos, apoio financeiro disponibilizado pelas autarquias para dar resposta às necessidades dos hospitais públicos, contribuindo para o aumento de ventiladores disponíveis.

Não querendo ser excessivamente otimista ou mal-interpretado por alguns autarcas, creio que esta será uma oportunidade única para liderar a mudança e ter impacto na sociedade e na população local. Vamos continuar a focar-nos na solução e não no problema, não só ao nível da saúde pública, mas também tendo um olhar sobre as questões relacionadas com a atividade empreendedora e empresarial. Devemos começar a preparar o regresso dos municípios às suas atividades comerciais, continuando a afirmar cada território com a sua identidade.

Estou convencido de que os municípios deverão liderar este regresso, ao facilitarem a criação de algumas medidas, não só ao nível dos serviços, mas também ao nível do associativismo, sugerindo algumas práticas e procedimentos que garantam as condições de higiene e segurança. Creio que todos os territórios deverão ter um plano estratégico, não só ao nível da sua visão e propósito, mas



também ao terem várias medidas de ação a curto prazo e de efeito imediato. Estes planos estratégicos deverão ser compostos por ações específicas e focadas para este primeiro ano. A ideia será que os municípios possam criar uma equipa responsável pela implementação deste plano, à semelhança de um gabinete de intervenção em crise, onde nos primeiros seis meses estarão focados na época alta e no segundo semestre terão o seu foco na época baixa. Destaco algumas providências como os turnos rotativos e a calendarização de diferentes dias de trabalho para diferentes equipas de projeto e a criação de procedimentos de entrada e saída dos edifícios, das viaturas e da utilização dos equipamentos.

Vivemos num país onde o turismo representa uma das maiores forças económicas, representando cerca de 12% do PIB nacional e com receitas a rondarem

17 mil milhões de euros anuais. Saliento que esta pandemia já provocou uma queda elevada na hotelaria, onde 80% dos hotéis estão fechados e mais de 90% das unidades avançaram com o layoff.

Assim, devemos estar conscientes de que, se antes as pessoas procuravam «boa cama, boa mesa» aquando da escolha dos seus destinos de férias, agora procurarão «Safe and Clean», tal como sugerido pelo Turismo de Portugal com a criação deste novo selo de qualidade. Assim, os turistas estarão interessados em ver qual estratégia do local para onde pretendem ir a nível de higiene e segurança.

Acredito que o território que se conseguir destacar mais por ter uma atitude «Safe and Clean» será aquele que terá maior predominância no mercado e aquele mais se conseguirá afirmar. □